

PERSEGUIÇÃO COM PUNHOS DE RENDA: 'Foi uma sacanagem a forma como me expulsaram do Itamaraty', disse o poeta

Vinicius: vida boêmia vigiada de perto

Gosto pela noite e pela bebida foi o motivo usado para afastar o poeta

Bernardo Mello Franco

BRASÍLIA. Como pode um poeta ameaçar uma ditadura? No caso de Vinicius de Moraes, o risco parecia ainda mais remoto. Nos anos 60, enquanto os militares caçavam comunistas, ele cumpria uma rotina inofensiva e movimentada. De dia, dava expediente como diplomata no Palácio do Itamaraty. À noite, fazia a ronda pelos bares de Copacabana, quando não estava no palco de hoates ao lado de colegas da bossa nova como Tom Jobim e Nara Leão. Com os livros, os discos e os sucessivos namoros e casamentos, às vezes simultâneos, sobrava pouco tempo para pensar em política. Mesmo assim, os arapongas mantiveram vigilância cerrada sobre os passos do poeinha.

Um dossiê secreto do Serviço Nacional de Informações (SNI) a que O GLOBO teve acesso revela que Vinicius esteve na mira de diversos órgãos de espionagem antes de ser casado, em 1969. A lista vai da polícia da antiga Guanabara ao temido Centro de Informações da Marinha (Cenimar). Até a aposentadoria pelo AI-5, o resumo do seu prontuário registra

ato arbitrário, mas manteve o bom humor. Quando circulo que a degola atingira homossexuais e bêbados, apressou-se a avisar:

— Eu sou alcoólatra!

Apesar da brincadeira, o poeta se abateu com a demissão sumária.

— Foi uma sacanagem a forma como me expulsaram do Itamaraty — desabafou, numa entrevista em 1979.

A imagem de vagabundo traçada pelos militares não combina com os registros funcionais do poeta. Dividida em três pastas amareladas, a ficha de Vinicius contém fartos elogios a seu talento e conduta profissional. Três boletins de avaliação interna o classificam como "acima da média" nos quesitos "atento e aplicado no trabalho", "permanece durante todo o expediente" e "realiza os serviços com presteza".

O documento mais recente antes da aposentadoria atesta, para os devidos fins, que o poeta "não responde a processo administrativo e goza de bom conceito funcional". Tem data de 1968. A página seguinte reproduz o Diário Oficial com a cassação.

Embora sua expulsão ainda seja tratada como tabu, Vinicius é personagem de algumas das melhores



ENTRE AMIGOS: Oscar Niemeyer, Vinicius de Moraes, Lili Bôscoli e Tom Jobim na estréia de 'Orfeu da Conceição', no Teatro Municipal do Rio

Embaixador chefiou caça às bruxas

Câmara Canto, uruguaio de nascimento, cassou 15 colegas

BRASÍLIA. O responsável pelo maior expurgo da diplomacia brasileira era uruguaio. Antônio Cândido da Câmara Canto nasceu em Montevidéu, em 1910, mas herdou a nacionalidade brasileira do pai. Pouco lembrado nas publicações oficiais do Itamaraty, foi uma das figuras mais influentes na casa durante os anos de chumbo da ditadura militar. Após comandar a caça às bruxas no governo Costa e Silva, teve papel central no golpe que derrubou Salvador Allende no

Chile, Câmara Canto chefiou a representação do Brasil na Espanha, que vivia a di-

mará Canto como "um golpista militante". Traça o perfil de um homem conservador, "famoso no Itamaraty pela severa sinceridade e, nos postos onde passou, pelas habilidades como cavaleiro". Um embaixador aposentado, que na época das cassações ainda estava em início de carreira, o classifica apenas como fascista.

Expurgo não foi o único

O expurgo de 1969 foi o maior, mas não o único da história do Itamaraty. Em 1954, em meio a uma campanha anticomunista liderada por Carlos Lacerda, o rótulo de "subversivo" selou a demissão de cinco diplomatas, entre eles os intelectuais João Cabral de Melo Neto e Antonio Houaiss. Todos conseguiram reaver o cargo num julgamento histó-

32 anotações, em cinco páginas batidas à máquina.

A maior parte dos arquivos narra fatos sem importância, como a participação em shows e manifestos de intelectuais. Outras folhas descrevem Vinicius como "comunista e escritor" e sócio do Centro Brasileiro de Cultura, "organização de fachada do movimento comunista internacional". Em 1966, a agência gaúcha do SNI tratou o poeta como "margina-

do, que é ao mesmo tempo diplomata e sambista". Em 1968, um araponga do Centro de Informações do Exército (CIE) redigiu uma nota mais sucinta: "Boêmio, parece ter errado de profissão".

A preferência pela noite foi a desculpa da Comissão de Investigação Sumária para incluir Vinicius entre os cassáveis. A justificativa aparece num dossiê da Aeronáutica sobre as demissões. Junto a seu nome, o documento traz a explicação: "alcoólatra".

Surpreendentemente, o relatório secreto elogia o poeta e oferece uma alternativa à demissão. "Considerando que a conduta do primeiro-secretário Vinicius de Moraes é incompatível com as exigências e o decoro da carreira diplomática, mas em atenção aos seus méritos de homem de letras e artista consagrado, cujo valor não desconhece, a comissão propõe o seu aproveitamento no Ministério da Educação e Cultura".

Não se sabe se a sugestão era para valer, mas Vinicius foi aposentado compulsoriamente dias depois, aos 55 anos. Ficou indignado com o

VINICIUS, O DIPLOMATA

**“
Detesto tudo o que oprime o homem, inclusive a gravata. Ora, é notório que o diplomata é um homem que usa gravata**

Vinicius de Moraes

go: escrevia o consultório sentimental da revista "Flan", assinado sob o insuspeito pseudônimo de Helenice.

Nos 24 anos de Itamaraty, o poeta nunca escondeu o fastio com a burocracia e a formalidade da carreira.

— Detesto tudo o que oprime o homem, inclusive a gravata. Ora, é notório que o diplomata é um homem que usa gravata — queixou-se, numa conversa com Clarice Lispector em 1967.

Mas a boemia confessa não era sinônimo de vadiagem. Pelo contrário: foi nesse período que Vinicius escreveu a peça "Orfeu da Conceição" e compôs as músicas mais famosas com Tom Jobim, como "Garota de Ipanema".

Em 1979, o poeta tentou ser readmitido com base na Lei da Anistia. O ministro Ramiro Saraiva Guerreiro respondeu pelo Diário Oficial, em 4 de junho de 1980: "Indeferida a reversão". Vinicius morreria no mês seguinte. Seus papéis estão guardados no Itamaraty e no Arquivo Nacional de Brasília. Foram consultados pelo GLOBO com autorização de suas filhas. ■

chilenses em 1973. Câmara Canto é considerado o quinto homem da junta chefiada pelo general Augusto Pinochet, que se manteria no poder até 1990. Contrariando a tradição da diplomacia brasileira, negou asilo a compatriotas que moravam no país e entraram na mira dos golpistas. No fatídico 11 de setembro, enquanto o Palácio La Moneda, da Presidência da República chilena, ardia em chamas, ele atendia o telefone com uma exclamação festiva: "Ganhamos!"

No livro "A ditadura derrotada", o jornalista Elio Gaspari descreve Câ-

mará Canto: no comando

Arquivo/18-09-1965



O EMBAIXADOR Câmara Canto: no comando

Quarenta anos depois, poeta pode ganhar promoção a embaixador

Ideia, defendida por Celso Amorim, esbarra na burocracia do governo federal

• BRASÍLIA. Quarenta anos depois de ser cassado pela ditadura militar, Vinicius de Moraes pode ser agraciado com uma inédita promoção post-mortem a embaixador. A ideia foi lançada em 2006 no antigo Palácio do Itamaraty, no Centro do Rio, que teve uma ala batizada com o nome do poeta. Apesar das boas intenções, a proposta ainda não conseguiu vencer a burocracia do governo federal.

Uma minuta de decreto, a ser assinada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, está engavetada desde agosto passado no Ministério do Planejamento. De lá, o documento ainda terá que passar pela Casa Civil antes de che-

gar ao presidente.

O documento já tem a assinatura do ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim. O texto vai direto ao ponto: "É promovido post-mortem a ministro de primeira classe da carreira de diplomata o primeiro-secretário Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes, mundialmente conhecido como Vinicius de Moraes".

"Perto do Barão, o Vinicius foi um congregado mariano"

No Itamaraty, um dos principais defensores da homenagem é o embaixador Jerônimo Moscardo, presidente da Fundação Alexandre de Gusmão. Ele defende a medi-

da com um argumento singular: o Barão do Rio Branco, patrono da diplomacia brasileira, teria aprontado muito mais que o poeta.

— Perto do Barão, o Vinicius foi um congregado mariano — brinca.

Por ironia, chegar ao nível máximo da carreira era uma ideia temida por Vinicius. Ele explicou o motivo em depoimento ao Museu da Imagem do Som, no Rio de Janeiro, em 1967:

— Nos escalões inferiores da carreira, ninguém presta atenção em você. O perigo é você virar embaixador, né? Minha grande luta no Itamaraty tem sido para não ser promovido. ■

do do Supremo Tribunal Federal (STF). A ilegalidade das cassações foi defendida por uma banca que reunia Evandro Lins e Silva, Sobral Pinto e Luiz Gonzaga do Nascimento Silva.

Os militares esperaram dez anos para dar o troco em Houaiss. Em 1964, o filólogo seria afastado definitivamente, junto com os colegas Jayme Azevedo Rodrigues, Eugênio Caillar Ferreira, Hugo Gouthier e Jatir de Almeida Rodrigues. Dessa vez, Houaiss foi punido por um discurso na Assembleia das Nações Unidas em que atacou a ditadura salazarista em Portugal, durante o governo João Goulart. Todas as cassações foram decretadas dois meses depois do golpe.

Além dos 13 da lista de Câmara Canto, outros cinco diplomatas seriam cassados pelo AI-5 entre 1969 e 1975. O caso mais conhecido foi o dos secretários Mário da Graça Roiter e Miguel Darcy de Oliveira, acusados de ação anti-patriótica. Segundo os militares, os dois teriam ajudado brasileiros exilados a denunciar, no exterior, a prática de tortura e perseguição política no Brasil.

Reprodução



JOÃO CABRAL foi punido